

O culto a *Dea Sancta* no Castro de S. Lourenço e a produção de sal no litoral de Esposende

Ana Paula Raposo de Azevedo Ramos Brochado de Almeida



I Seminário Internacional sobre o sal português
Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005, p. 171-178

O culto a *Dea Sancta* no Castro de S. Lourenço e a produção de sal no litoral de Esposende*

Ana Paula Raposo de Azevedo Ramos Brochado de Almeida**

Resumo

A posição geográfica do Castro de S. Lourenço, no litoral de Esposende, perto da foz do Rio Cávado, favorecia a prática da pesca, da actividade marisqueira e da produção de sal pelos seus habitantes. Esta última actividade, testemunhada por dados da arqueologia, baseava-se em processos simples mas funcionais (como a utilização de cavidades nas rochas ou de "gamelas" fixas ou amovíveis). Outro elemento interessante a considerar é o culto a Dea Sancta.

The geographical position of Castro de S. Lourenço, in Esposende's seashore near Cávado River mouth, favoured fisheries and salt production. This last activity, confirmed by archaeological proofs, was based in simple but functional methods. Another interesting aspect is the cult to Dea Sancta.

Introdução

De uma maneira geral, parece ser pacífica a ideia de que os tradicionais povoados da Idade do Ferro deixaram as terras demasiado húmidas, os vales dos grandes rios e optaram, preferencialmente, por sítios que apresentavam condições naturais de defesa, quase sempre na dependência directa de uma linha de água.

Certamente que o natural interesse agro-pastoril terá sido um dos critérios integrados na selecção dos locais de implantação, paralelamente à sua localização próximo do mar e da foz dos principais rios. Estes factores permitem relacionar os *habitats* da Idade do Ferro com outras actividades paralelas – que poderiam ser lucrativas – como a pesca, o controlo das vias fluviais e marítimas, para além da produção e comercialização de sal¹.

* Vide apresentação no CD-ROM anexo a este volume.

** Arqueóloga da Câmara Municipal de Esposende (Serviço de Património Histórico-Cultural). Investigadora na área da arqueologia romana. Licenciada em História, variante arqueologia (FLUC).

Enquadramento geo-estratégico do castro de S. Lourenço

O castro de S. Lourenço encontra-se implantado sobre um esporão granítico que se insere na arriba fóssil. Este *habitat* acaba por se destacar na paisagem pela presença de pequenas depressões – a Norte e a Sul –, aliadas a uma vertente escarpada voltada para a planície costeira e aos lugares de Pinhote e Outeiro. Paralelamente, a presença de água numa depressão situada a Norte e a óptima visualização sobre o mar, curso final do Rio Cávado e planície costeira², estarão na base da escolha deste sítio para a implantação do povoado³.

Relativamente à vertente Norte não há um efectivo domínio visual, uma vez que a presença de um monte mais elevado impede a observação da faixa costeira⁴, bem como a interligação com outros povoados instalados ao longo da arriba. Para ultrapassar esta questão foi erguido um torreão.⁵

Territórios potenciais do castro de S. Lourenço

Tendo em consideração todos os aspectos anteriormente referidos e de acordo com o Prof. Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, o traçado de um território potencial de 60 minutos do castro de S. Lourenço (Vila Chã) coloca na sua directa dependência toda a orla litoral entre a foz do Rio Cávado e o Ribeiro de Rio de Moinhos, nas suas franjas, o castro de Nossa Senhora da Paz (Marinhas) e o castro do Sr. dos Desamparados (Palmeira de Faro)⁶.

Por sua vez, um território potencial de 30 minutos do Castro de S. Lourenço abrangeria toda a Aldeia de Baixo – uma das melhores áreas agrícolas da freguesia de Vila Chã – e permitia o acesso às terras mais próximas da encosta, isto é, do lugar de Pinhote e Outeiro (Marinhas). Nestes terrenos poder-se-ia desenvolver a actividade agrícola e a pastorícia, não só no planalto como também na orla costeira. A relativa proximidade com a foz do Rio Cávado permitia-lhe controlar os acessos da navegação e do comércio. Simultaneamente, colocaria sob o seu domínio a exploração do sal, operada em salinas cavadas num sapal existente em grande parte do traçado vestibular do Rio Cávado ao longo da costa. Esta actividade era realizada entre a foz do Rio Cávado e, pelo menos, a foz do Rio Neiva. As provas documentais encontram-se na própria praia ou no Castro de S. Lourenço⁷.

Enquadramento histórico do castro de S. Lourenço

O castro de S. Lourenço tem reminiscências no Bronze Final⁸, verificando-se que a sua afirmação enquanto *habitat* castrejo terá ocorrido por volta dos séculos V/IV a. C.⁹. Assiste-

1 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 98.

2 Que se estende para Sul até às elevações de Terroso e Laúndos (concelho da Póvoa de Varzim).

3 Inclusive, do alto da acrópole do monte de S. Lourenço é possível estabelecer contacto visual com outros povoados do mesmo período, como seja, o de S. Mamede (Feitos), Monte Crasto de Palme, Castelo de Faria, no monte da Franqueira e, mais para o lado do concelho de Barcelos, o Monte Castro de Abade de Neiva e a citânia de Oliveira, no Monte Facho de Roriz-Oliveira. ALMEIDA, C.A.B. (1998), 55.

4 Que se estende até ao rio Neiva.

5 Que permitia a observação e comunicação para toda a plataforma litoral Norte. ALMEIDA, C.A.B. (1998), 56.

6 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 112.

7 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 113.

8 Período que antecede a Idade do Ferro.

se, desde meados do séc. I a.C., a uma profunda remodelação no ordenamento urbano-habitacional¹⁰, momento em que se iniciou o processo de romanização.

Actividades económicas associadas à exploração dos recursos marinhos

Se implantação geográfica de castros como o Castro de S. Lourenço permitia que só alguns pudessem participar no controle da navegação junto à foz, facilitava, no entanto, o exercício da pesca, a actividade marisqueira e a produção de sal. Este obtinha-se no litoral por processos simples, mas funcionais. Recorrendo a cavidades naturais provocadas pela erosão na penedra da praia ou cavando artificialmente pequenas "gamelas" fixas ou amovíveis, os produtores de sal conseguiam, assim, rentabilizar a fraca prestação que o clima desta região permitia para o exercício desta actividade. A solução encontrada pelos castrejos da época laténica¹¹ foi a ideal para o tipo de clima que aqui impera, distante dos modelos mais frios da costa atlântica gaulesa ou mais quentes da costa mediterrânica¹².

Testemunhos da actividade salineira no castro de S. Lourenço

No séc. I—nomeadamente no reinado de Augusto—a cobertura dos edifícios do castro de S. Lourenço era à base de elementos vegetais e de placas de xisto, algumas das quais com 0,60m (com.) x 0,40m (alt.) e uma espessura média de 0,02m. Como a sua quantidade não é grande, admite-se que elas integrariam somente o beiral, isto é, colocadas entre a cobertura vegetal e a parede. Este sistema conferia consistência e proporcionava o escoamento da água, impedindo a infiltração das águas pluviais no topo da estrutura onde assentava o travejamento, que conduziria à sua ruína precoce. Foram exumadas no castro de S. Lourenço algumas placas de xisto que correspondiam a antigas salinas cavadas em gamela que se tinham fragmentado. Foram trazidas do único sítio possível da costa de Esposende, ou seja, na área situada entre a foz do Rio Cávado e a foz do Rio Neiva. É neste local que afloram rochas xistosas e onde têm vindo a aparecer algumas dessas "gamelas" espalhadas pelo areal ou em antigos muros. Estes serviam de protecção às salinas medievais identificadas no lugar das Lontreiras, mais precisamente na divisão das freguesias de S. Bartolomeu do Mar e Belinho¹³.

Estes são testemunhos, mais que suficientes, para se falar numa pequena "indústria" do salgado ao longo da costa minhota, nos séculos que antecederam a chegada dos Romanos¹⁴.

Uma vez que se acentuam cada vez mais os testemunhos que o sal se explorou ao longo da costa litoral do Minho durante o período laténico, adquire solidez a hipótese de terem sido povos vindos de latitudes mais meridionais¹⁵, quem difundiu tal prática. São eles que exploram o sal, tanto mais que foi recolhida em S. Lourenço uma ara dedicada a *Ataecina* ou *Daea Sancta*. Relembramos que neste povoado fortificado foram exumados vestígios de

9 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 75.

10 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 160.

11 A produção de "gamelas" fixas só era possível numa altura em que o mar estivesse mais recuado.

12 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 101.

13 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 234.

14 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 76.

15 Possivelmente os Célticos.

placas de salinas desactivadas relacionadas com a cobertura das habitações¹⁶.

De todas as actividades artesanais, a salinicultura foi uma das mais importantes, senão mesmo primordial, para as populações da orla costeira atlântica. O sal foi explorado ao longo da costa e, certamente, nos estuários dos rios Minho, Lima, Cávado e Âncora. A subida do nível do mar terá inutilizado as salinas¹⁷, obrigando a adoptar novas soluções.¹⁸ Um outro factor que terá contribuído para o abandono dos processos tradicionais será a introdução de tecnologia mediterrânica, bastante mais apetrechada para a produção de sal¹⁹.

O sal adquirido pelos métodos artesanais castrejos abrangeia apenas as comunidades próximas do litoral, sendo escoado através dos rios. Este produto desempenharia o papel de moeda, sendo trocado por minério e outros excedentes. As condições climáticas²⁰, aliadas à falta de tecnologia adequada, não permitiam a construção de estruturas salineiras propícias à produção de quantidade de sal²¹ necessária para a distribuição a uma rede de povoados castrejos²².

A própria alimentação influenciou o aumento da procura deste produto. Foi com a descoberta de que tanto a carne do porco, como a do javali, poderia ser conservada através do fumo e do sal que conferiu importância quer ao sal, quer à carne propriamente dita²³.

Ara dedicada a *Daea Sancta* e sua relação com a actividade salineira no castro de S. Lourenço

Relativamente à ara dedicada a *Daea Sancta* ou *Ataecina*, deusa com um culto muito difundido na Lusitânia, sabe-se que foi encontrada no perímetro do Castro de S. Lourenço (Vila Chã, Esposende). Decorria o ano de 1954 quando apareceu uma ara, no momento em que se procedia às obras de construção do caminho de acesso à capela existente na acrópole. Foi então entregue no Museu Pio XII de Braga²⁴ a ara, na altura atribuída a Dafa, mas que uma posterior revisão viria a reformular como sendo dedicada a Dea Sancta²⁵.

16 ALMEIDA, C.A.B. (2003), 113.

17 Pelo menos as fixas.

18 Como a construção de talhos salineiros nas bacias dos rios e na zona de sapal que ficava inundada com a subida diária da maré.

19 Destinado ao consumo e à salsamenta, nomeadamente o *garum*. ALMEIDA, C.A.B. (2003), 256.

20 Adversas durante grande parte do ano.

21 No litoral minhoto.

22 Contudo, eram bem superiores às da costa da Bretanha e da Inglaterra onde recorreram a métodos mais artificiais, como o aquecimento da água do mar por meio de fornos. ALMEIDA, C.A.B. (2003), 256.

23 ALMEIDA, C.A.B. (2001), 76.

24 Permanecendo, actualmente, como local de depósito.

25 ALMEIDA, C.A.B. (1998), 57.



Figura 1 - Ara dedicada a Dea Sancta ou Ataegina

Trata-se de uma ara, porventura consagrada por indivíduos provenientes das áreas meridionais que, eventualmente, estariam interessados na exploração de sal da foz do Cávado e ao longo da costa, entre o Cávado e o Neiva. Embora se trate de uma suposição, existem elementos que poderão servir de reforço, na medida em que esta divindade teve o seu culto muito divulgado no Alentejo²⁶.

Segundo o Professor Doutor Jorge de Alarcão, o culto a *Ataegina* regista-se – no actual território português – nas áreas de Beja, Serpa e Mértola e no Norte, no Castro de S. Lourenço (Esposende). Ainda de acordo com o mesmo autor tratar-se-á, provavelmente, de uma divindade pré-romana, provavelmente introduzida no Sul do nosso país pelos *Celtici*, ou mesmo difundida já em época romana a partir de *Baeturia*, que seria²⁷ a área original do seu culto. A sua presença no Norte de Portugal explicar-se-ia por qualquer migração interna, talvez pré-romana, eventualmente a dos *Celtici*, atestada por fontes clássicas²⁸.

Leitura e interpretação da inscrição da ara dedicada a *Daea Sancta*²⁹.

Parte superior de uma ara em granito novamente cortada na fachada e na sua parte posterior.

A decoração, constituída por duas volutas e restos dos frontões, compreende um *foculus* circular em relevo.

Dimensões: 53,5cmx31,5cmx30cm (23cm); campo epigráfico: 28x25cm. Letras: 4,5cm.

DAEAE / SANCTA[E] / SACRVM / [A]NICIVS / ...

26 Um dos seus santuários mais conhecidos encontrava-se na Betúnia. ALMEIDA, C.A.B. (2003), 274.

27 A crer no escritor Plínio.

28 ALARCÃO, J. (1995), 157.

29 Lam. IV, Fig. 12-3. Inv. N.º 115, *Falam Documentos*, p. 62.

Consagrada à *Dea Sancta*; Anicius ...

À leitura *DAFAE* substituiu-se *DAEAE*. O nome do dedicante pode ser reconstituído a partir de vestígios das letras antes de *ICIVS* que é facilmente visível. O gentílico *ANICIVS* é conhecido em Braga mas a fórmula *DAEA SANCTA* encontra-se na província de Cáceres e aplica-se à *Ataecina*³⁰.

O culto a *Ataecina*

De acordo com Juan Manuel Abascal Palazón, *Ataecina* é uma divindade celta, um dos muitos deuses que integram o panteão pré-romano, que manteve o seu culto densamente activo durante o Principado. Assumindo conotações locais com a adopção de epítetos, a sua popularidade seria sustentada pela frequente abreviatura do seu nome.

Assim, *Ataecina* é invocada por vezes como *dea* e como *domina*: *d(ea) d(omina) s(ancta)*, denominação que não é exclusiva desta divindade.

A cronologia dos testemunhos culturais relativos a esta divindade, permite supor a sua vigência durante os três primeiros séculos do Principado. Se bem que algumas epígrafes ofereçam sérias dificuldades de datação, outras podem ser facilmente adscritas ao séc. I d. C. As cronologias mais recentes serão provavelmente oriundas das epígrafes encontradas em Alcuéscar, que poderão atingir os primeiros anos do séc. III d. C.³¹.

Relativamente ao número de exemplares dedicados a *Ataecina* inventariados na Península Ibérica, este ascende actualmente os 36, dos quais 15 são provenientes de Santa Lucía del Trampal (Cáceres).

Bibliografia:

ABASCAL PALAZÓN, J. M. (2002), *Ataecina*, in "Religiões da Lusitânia – Loquuntur saxa", Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

ALARCÃO, J. (1995), *A Religião*, in "O domínio romano em Portugal", Publicações Europa América (3.ª edição).

ALMEIDA, C.A.B. (1998), *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho - Esposende*, in "Boletim Cultural de Esposende", n.º 20, Câmara Municipal de Esposende.

– (2001), *O vinho e a pretença bárbarie dos povos galaicos*, in "DOURO – Estudos & Documentos", vol. VI (11), (1.º).

– (2003), *O povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Vol VII.

30 SANTOS, L., *et alii* (1983), 190.

31 ALBASCAL PALAZÓN, J. M. (2002), 53-60.